

# TRILHAR CAMINHOS, SEGUIR DISCURSOS: AONDE ISSO PODERÁ NOS LEVAR?

Helson Flávio da SILVA SOBRINHO

(helsonf@bol.com.br)

Universidade Federal de Alagoas-UFAL (Doutorado)

“Intervir filosoficamente obriga a tomar partido: eu tomo partido pelo fogo de um trabalho crítico...”  
(Michel Pêcheux)

Refletir sobre a Análise do Discurso (AD), especialmente a que é praticada no Brasil, requer revisitar constantemente as categorias teóricas e analíticas utilizadas para compreender, através do desvelamento dos *processos discursivos*, o mundo no qual vivemos e atuamos. Fazer isso é mais que simplesmente revisitar as categorias; à medida que voltamos a elas, estamos, sobretudo reavaliando os caminhos escolhidos por nós analistas quando colocamos em prática a ânsia de compreender os discursos e seus movimentos de sentidos. Por isso, no presente trabalho, proponho refletir, mesmo que de modo sucinto, sobre os caminhos que a AD tem trilhado ao teorizar sobre seu objeto: o *discurso*.

Sendo um aprendiz ansioso e inquieto, semelhante a um motorista inexperiente que ainda não se sente seguro e maduro o suficiente para conseguir olhar pelo retrovisor<sup>1</sup> e seguir adiante — precisamente por isso e mesmo sabendo dos riscos de perder a direção —, insisto em volver o olhar para trás, na busca de ver os caminhos já trilhados para ter certeza da travessia, especialmente, para constatar o que foi deixado/abandonado no caminho e, em seguida, retorno a olhar para frente assustado e, ao mesmo tempo, receoso de entrar pela contramão e colidir ou, até mesmo, encontrar um despenhadeiro, uma vez que tanto a colisão como o despenhadeiro podem impossibilitar a continuação da viagem.

Seguir discursos requer conhecer bem os caminhos já trilhados, os direcionamentos e redirecionamentos praticados, avaliando se foi mesmo o melhor percurso e, simultaneamente, vislumbrar os caminhos a serem trilhados, fazendo também escolhas de novas vias em alguns cruzamentos, pois o trajeto está sempre a ser construído. Vale lembrar que o percurso nem sempre é certo, além de não ser bem sinalizado, os discursos também nos podem surpreender e enganar, mostrando-se mais espertos que nós.

---

<sup>1</sup> Embarco na metáfora bastante convidativa à reflexão produzida pelas Prof<sup>as</sup> Dr<sup>as</sup> Leda Verdiani Tfouni (USP-RP) e Lucília Maria Souza Romão (USP-RP) na ementa deste *Simpósio sobre Ideologia* no II Seminário de Estudos em Análise de Discurso (SEAD). Propuseram as coordenadoras: “A direção a ser seguida é topográfica: percorreremos o relevo da contribuição central de Pêcheux e dos autores pelos quais ele enveredou, por caminhos mais ou menos recuperáveis; trilhas, correntes caudalosas, fraturas e despenhadeiros, que criam um mapa a ser decifrado. O objetivo é montar um painel de dupla mão: **1- um olhar pelo espelho retrovisor**, o que implica uma retomada/ressignificação das contribuições inúmeras feitas ao conceito pelos teóricos da AD e seus afluentes; **2- um olhar prospectivo**, de lançamento de idéias e novas contribuições para o tema, o que viria reafirmar o caráter sempre aberto para checagens, e dialético, da AD.”

O problema está exatamente aí, segui-os como se eles fossem seres de vida própria quando, na verdade, suas pernas estão na história, melhor dizendo, no complexo histórico das formações sociais. Reconhecer isso é perceber que os rastros dos discursos devem ser seriamente seguidos, para quem sabe — perseguindo suas pegadas — darmos de cara com ele e, assim, descobrir sua face real.

Para melhor pensar a trajetória da AD e avaliar para onde ela poderá nos levar, se é que já não está nos levando, é preciso considerar, antes de tudo, que a Análise do Discurso não só se mostrou crítica de grandes autores como Saussure e de perspectivas teóricas como o Estruturalismo e o Gerativismo, mas, sabiamente, também se pôs crítica diante de suas próprias categorias<sup>2</sup>. Sabemos que a AD iniciou sua caminhada brigando com a Lingüística, com a Lógica, com a Psicologia Social e, também, com as Ciências Sociais para mostrar como a linguagem não é transparente e como ela é afetada pela história. Para avançar no debate/combate entre as ciências já estabelecidas, a AD se mostrou, conforme disse Paul Henry (1997), como um *cavalo de tróia* pondo questões dentro das ciências humanas, fazendo-as repensar suas práticas teórico-analíticas.

Foi justamente problematizando a semântica, como *ponto nodal* das contradições da Lingüística que Pêcheux, o grande iniciador da AD, propôs um interessante e desafiador diálogo com o materialismo histórico ao afirmar que é especificamente na semântica (ciência responsável pelo estudo lingüístico da produção de sentidos) que “a Lingüística tem a ver com a *Filosofia* (e, como veremos, [continua Pêcheux] com a *ciência das formações sociais* ou *materialismo histórico*)” (Pêcheux, 1997, p. 20).

Como todo *nó* capaz de revelar os entrelaçamentos essenciais, o *ponto nodal* da Lingüística colocava para Pêcheux a necessidade de refletir sobre a ciência, a língua, a política, o Estado, a ideologia, o Movimento operário, enfim, como veremos mais à frente, sobre os efeitos das lutas de classes nas produções de sentidos. A semântica afetada pela lógica e pela filosofia da linguagem era incapaz, aos olhos de Pêcheux, de compreender os processos discursivos, especificamente, o discurso político. Segundo Henry (op.cit.), Pêcheux percebia a relação existente entre ciência e política e considerava que “o instrumento da prática política é o *discurso*, ou mais precisamente, que a prática política tem como função, pelo discurso, transformar as relações sociais reformulando a demanda social.” (Henry, 1997, p. 24)<sup>3</sup>.

Contudo, com o passar do tempo algumas mudanças acabaram ocorrendo, especificamente, derivas da proposta inicial. Muitos estudiosos já sinalizaram as alterações que a AD passou desde a sua fundação (final da década de 1960 e durante a década de 70) até o presente momento.

Temos na França, por exemplo, o relato de Mالدیدیر (2003) de que os conceitos trabalhados por Pêcheux “estão em errância: banalizados, cortados do terreno em que foram elaborados, traço teórico de que se esqueceu o enunciador.” (p. 15). E no Brasil, Orlandi também nos relata essas derivas que ocorreram após a morte do fundador da AD:

---

<sup>2</sup> Estamos pondo isso em prática no II Seminário de Estudos em Análise de Discurso, realizado em Porto Alegre-Brasil (2005) tendo como eixo central dos debates “O campo da análise de discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites”.

<sup>3</sup> É importante lembrar que o material privilegiado no início da AD foi o discurso político. O leitor interessado tem como referência o trabalho de Courtine (1981) sobre a *Análise do discurso político* publicado na revista *Langages* 62 e, também o trabalho de Mالدیدیر “o discurso político e a Guerra da Argélia”, esse traduzido no livro *Gestos de Leitura* (ver referência na bibliografia).

“Os que trabalhavam a questão do político recuaram para estudos gerais da civilização ocidental, ou retornaram à lingüística de origem. Mesmo se tivessem conhecimento da necessidade de não se perder o político e a ideologia como dimensões definidoras da análise de discurso, não foram muitos os que conseguiram dar essa dimensão aos seus trabalhos, e a maioria derivou sobretudo para estudos sobre linguagem e sujeito, aliando, no campo da enunciação, a lingüística e a psicanálise, ou ainda, no mesmo campo da enunciação, voltaram-se para estudos que relacionassem sujeito e sociedade.” (ORLANDI, 1997, p.08)

Se esses relatos podem aparecer como prova de que a AD caminha e recua ao mesmo tempo, é preciso acrescentar que eles podem também demonstrar sintomas de que algo de essencial está sendo abandonado nesse percurso. Courtine (1999, p. 11) aponta que há um contínuo abandono da teoria marxista dizendo: “Havia *uma* análise do discurso que queria articular história e lingüística. Existe agora *n* análises de discurso que, em sua maioria, abandonaram tal projeto.”. É justamente o relato de Courtine que me faz pensar sobre isso, levando-me a refletir sobre o que foi abandonado no caminho. E tal relato coloca que o abandono/esquecimento se deu justamente no eixo que me parece ser fundamental: a relação da teoria marxista com a Análise do Discurso.

Antes de avançar no desenvolvimento da presente reflexão é importante especificar que os autores citados acima estão se referindo exclusivamente a AD francesa<sup>4</sup>. A Análise do Discurso, como se sabe, é heterogênea. Foi assim na França e tem sido assim também no Brasil, uma vez que sobre essa denominação foram feitas, e continuam sendo feitas, análises que produzem resultados de diversas ordens (lingüísticas, psicanalíticas, sociológicas, antropológicas etc). Aqui no Brasil ninguém chega a afirmar de modo categórico que houve derivações, principalmente porque aqui não se afirma, propriamente, a existência de uma Escola de Análise do Discurso Brasileira, pois usualmente quando nos dizemos filiados a AD, sempre recorremos, apesar de praticarmos mudanças, à denominação *Análise do Discurso de Linha francesa*, para demarcar um “lugar” teórico, uma legitimidade na prática da ciência<sup>5</sup>, e assim, continuamos apontando para a França.

Na verdade, a AD aqui praticada tem como referência as produções de Eni Orlandi, pesquisadora responsável pela consolidação da Análise do Discurso em nosso país, e dos grupos que, estabelecidos, deram continuidade aos trabalhos produzidos em Campinas, difundindo pelo Brasil essa maneira particular de pensar a linguagem. É importante atentar para o fato de que a AD vem produzindo efeitos na história da lingüística aqui no Brasil. Vale dizer também que a produção brasileira é de imenso valor e certamente vem produzindo efeitos na França, repercutindo e aprofundando significativamente questões fundamentais sobre o discurso. As palavras de Orlandi (2004) podem sintetizar bem isso:

“A ciência se produz em diferentes lugares com a força e a especificidade de sua tradição. O

<sup>4</sup> Courtine (1999, p. 10) relata as mudanças dizendo ainda: “Sob o termo de análise do discurso desenvolvem-se descrições do fio do discurso, efetuadas de um ponto de vista formal, interativo e conversacional, ou ainda gramatical que pura e simplesmente abandonam a articulação do texto ou da seqüência oral com as condições históricas — e, por vezes, até simplesmente situacionais — de sua produção. E se se confrontam esses trabalhos com o duplo objetivo que constituía o fundamento do projeto de análise do discurso, vê-se a dimensão histórica e crítica apagar-se em proveito da dimensão empírica ou da construção de procedimentos formais; e paralelamente, o aspecto lingüístico da análise recobrir, mais ou menos totalmente, as considerações históricas. A análise do discurso *gramaticalizou-se*.”

<sup>5</sup> Cf. o trabalho de Roberto Baronas no II SEAD que faz questionamentos sobre os “Efeitos de sentido de pertencimento em Análise de Discurso.”

Brasil é, sem dúvida, um desses lugares com a força em que a ciência da linguagem tem sido produzida com grande capacidade de descoberta e de elaboração.”

Em suma, paradoxalmente à constante recorrência encontrada nos trabalhos dos analistas *de pertencimento a AD de linha francesa* (como se ainda olhássemos sem crítica para as produções francesas), percebemos, ao mesmo tempo, que no Brasil a Análise do Discurso tem mostrado cada vez mais fôlego e tem avançado, tanto na teoria como na prática de análise.

O fôlego de pesquisa em AD parece não mais partir da França, mas sim do Brasil. Os trabalhos são ricos, intensos, heterogêneos e ganham especificidade em cada instituição no qual o pesquisador é filiado. Inclusive, os trabalhos possuem várias tendências que procuram enriquecer a teoria, aprofundando a AD através de leituras, como por exemplo, leituras das obras de Foucault para tratar do discurso; outros trazendo cada vez mais Lacan e Milner para abordar a língua e o inconsciente e, muitos outros dialogando com teóricos da lingüística, da enunciação, da análise crítica do discurso, ou mesmo da pragmática a procura de novas questões; e, por fim, mas não menos importante, alguns poucos, buscando em Marx respaldo teórico para compreender a discursividade como parte da prática ideológica dos sujeitos históricos.

Esse panorama que exponho de modo bastante geral (por isso sem pretensão de esgotá-lo) pode ser constatado pelas produções e publicações dos analistas de discurso, pois dependendo de sua filiação (ou formação), estes tendem a dialogar mais com a lingüística, ou com a psicanálise, ou com o marxismo. Isso não significa que há uma diáspora na AD Brasileira, na verdade, penso que revela as várias possibilidades de leituras dentro da AD, tendo como referência à articulação das três regiões que Pêcheux e Fuchs propuseram: 1- o materialismo histórico: 2- a lingüística: 3- a teoria do discurso, as três atravessadas e articuladas por uma teoria da subjetividade (de natureza psicanalítica).

Contudo, é preciso reconhecer ainda que essas tendências, ao penderem sempre para algum lado da teoria, refletem, sobretudo, a formação de nossos estudiosos que ainda é afetada pela divisão das disciplinas, da compartimentação da ciência de inspiração positivista, impedindo o conhecimento da totalidade, limitando as leituras e, conseqüentemente, a formação e o olhar do pesquisador<sup>6</sup>. Diante dessas vicissitudes que nos grupos de pesquisa aparecem como simples predileção teórica, é possível expressar que os trabalhos em AD vêm produzindo “avanços”, mas também “recuos” significativos.

Constatar os “avanços e/ou recuos” da AD praticada no Brasil, vai depender da posição que o analista se colocar para tratar da questão. Sendo assim, os trabalhos podem ser interpretados por determinado analista como motivos de satisfações e, por outro, como motivos de lamentações. Apesar de acreditar seriamente na riqueza dos trabalhos que produzimos, não pretendo expor minha satisfação com as escolhas da AD, porque penso que as escolhas necessitam urgentemente ser avaliadas (isso exige mais tempo para aprofundar questões).

Por outro lado, também não desejo ficar em lamentações pessimistas pelas opções

---

<sup>6</sup> Como exemplo, temos o curso de Letras que não oferece leituras de alguns filósofos como Marx. E o curso de Ciências Sociais que perde valiosas contribuições dos teóricos da linguagem. Lacuna ainda difícil de ser preenchida, e continua a produzir efeitos, estudiosos cegos ou ao *real da história*, ou ao *real da língua*.

feitas por cada grupo de pesquisa. Quero apenas arriscar, colocando e enumerando questões sobre os caminhos escolhidos, mexer na memória, revendo alguns pontos fundantes, sem necessariamente atingir um ou outro pesquisador, pois, na verdade, desejo vislumbrar um *gesto de interpretação* que pode ser viável ou não<sup>7</sup>.

Dito isso, e para firmar esse *gesto* se faz necessário regressar aos textos de Pêcheux (não para buscar o *verdadeiro* Pêcheux, nem a *verdadeira* AD, nem sequer uma *verdadeira* AD brasileira, porque isso seria incoerente), mas procurar pistas com o intuito de rever um fundamento importante: a perspectiva do *materialismo histórico e dialético*.

Para intervir com questões, duas citações retiradas da obra maior de Pêcheux *Les Vérités de la Palice*, traduzida para o Brasil sob o título de *Semântica e Discurso*, parecem-me imprescindíveis.

“Pensamos que **uma referência à História**, a propósito das questões de **Linguística, só se justifica na perspectiva de uma análise materialista do efeito das relações de classes sobre o que se pode chamar as ‘práticas lingüísticas’** inscritas no funcionamento dos aparelhos ideológicos de uma formação econômica e social dada: com essa condição, torna-se possível explicar o que se passa hoje no ‘estudo da linguagem’ e contribuir para transformá-lo, não repetindo as contradições, mas tomando-as como **os efeitos derivados da luta de classes** hoje em um ‘país ocidental’, sob a dominação da ideologia burguesa”.(grifos meus) (Pêcheux, 1997, 24)

Na outra citação, retirada do mesmo texto, Pêcheux está desenvolvendo suas argumentações sobre a passagem das questões de linguagem, tidas como problemas de ordem lógica e lingüística, para tratá-las no âmbito da discursividade, o que implicava, segundo Pêcheux, levar em consideração que o funcionamento lógico-lingüístico não é indiferente à ideologia. Para esse autor, a Lógica e a filosofia da linguagem<sup>8</sup> caem no “engano idealista que coloca a *independência do pensamento em relação ao ser*” (p.126). Sabendo dos riscos da teoria do discurso cair no idealismo, Pêcheux rememora um dos seus primeiros trabalhos *Remarques pour une théorie générale des idéologies*<sup>9</sup>, expondo que ao deixar escapar as lutas de classes, acabou tropeçando em *erros idealistas*, então afirma:

“**mas a verdadeira raiz desse erro se encontra** em outro lugar, **mais precisamente, no desconhecimento da luta de classes**: o termo e o conceito de contradição, bem como o de luta de classes, estão ausentes, enquanto tais, da descrição dos processos ideológicos empíricos e especulativos. Encontram-se apenas *oposições, diferenças* que expressão a complexidade de *dupla face* da relação força produtiva/relações de produção. A nosso ver, essa é a razão pela qual nenhum dos efeitos (e nenhuma das formas de realização) da luta de

<sup>7</sup> É importante ressaltar que as questões que passarão a ser delineadas nesse texto não resultam de divagações, mas da minha experiência na AD durante a escrita da tese de doutoramento na qual analiso o discurso sobre a velhice. No decorrer do trabalho de análise senti limitações. A materialidade discursiva apontava questões, pois o discurso do velho/idoso mostrava, em suas contradições, as lutas e os conflitos de classes atuantes na sociedade capitalista exigindo, portanto, uma ampliação da literatura marxiana na AD para compreender a miséria do trabalhador no exato momento em que esse chega a uma determinada idade e é afastado da vida “produtiva”.

<sup>8</sup> Segundo Pêcheux a filosofia da linguagem é a filosofia espontânea da Linguística, nesse sentido, uma filosofia idealista.

<sup>9</sup> Texto publicado no *Cahiers pour l'analyse*, 9, 1968. Pêcheux se apresentava sob o pseudônimo de Thomas Hebert. Para comentários sobre o texto ver Henry (1997).

Estas duas citações fundamentam e sinalizam bem o cerne do presente trabalho, convidando-nos a dirigir o olhar sobre as *lutas de classes e os efeitos dessas lutas nas práticas lingüísticas*, pois se analisarmos os trabalhos que vêm sendo produzidos em AD, em suas diferentes vertentes aqui no Brasil, parece que esse fundamento está sendo abandonado pelos analistas. Falam de *discurso*, esquecendo as lutas de classes; refletem sobre o *sujeito*, perdendo seu caráter histórico; ressignificam o conceito de *ideologia*, desprezando o conceito de *formação social* sem rever que em Marx a ideologia é algo bem mais complexo<sup>10</sup>; pensam o *movimento dos sentidos*, negligenciando o movimento dialético do real.

Provavelmente as escolhas praticadas na AD, nos seus contornos mais sutis, fazem reviver o embate entre materialismo e idealismo (com vitórias desse último), uma vez que se perde de vista que a *prática discursiva* (enquanto *prática política*), em uma sociedade capitalista, é atividade produzida e engendrada pelas lutas de classes<sup>11</sup>.

Para delinear essas questões, é preciso compreender em primeiro lugar que a AD se expressa, como vimos, como uma teoria materialista “uma análise materialista do efeito das relações de classes sobre o que se pode chamar as ‘práticas lingüísticas’”. Este caminho trilhado por Pêcheux é ainda hoje, simultaneamente, “lembrado/esquecido”, pois o materialismo é apresentado, em muitos trabalhos, ao mesmo tempo transparente e opaco.

Digo lembrado (produzindo efeito de transparência) porque é possível encontrar, ao menos, minguadas alusões ao materialismo, uma vez que inúmeros estudiosos dizem se colocar “numa perspectiva materialista” quando fazem AD. Contudo, quando passam verdadeiramente para a prática de análise esquecem, tragados pela opacidade do discurso, a teoria materialista, uma vez que esta lhes escapa. Limitados, acabam perdendo de vista algo fundamental, os **conflitos de classes**, passando a tomar o discurso em si e por si mesmo (independência em relação ao ser), repetindo, dessa maneira, as contradições da lingüística sem perceber que elas são efeitos (indiretos e, por isso, não mecânicos) das lutas de classes.

Ingenuidade pensar que utilizar o termo *materialismo* é se colocar no materialismo histórico. Memória convocada pela ordem do enunciável, já que o materialismo está no tripé das teorias que fundamentam a AD? Transparência, efeito da ideologia? Certamente, pois ainda que façam referência às condições de produção — conceito valioso na AD —, em geral os analistas esquecem as contradições e lutas de classes que tanto produzem efeitos nos discursos<sup>12</sup>.

<sup>10</sup> É comum a idéia de que em Marx a ideologia é compreendida como falsa consciência. Isso certamente se deve a um reducionismo da leitura do texto *Ideologia Alemã* no qual Marx e Engels fazem críticas aos filósofos neo-hegelianos. No entanto, a ideologia também é entendida por Marx como formas de consciências pelas quais os sujeitos tomam consciência dos conflitos, propondo resoluções dos mesmos, como podemos constatar no *Prefácio à contribuição à crítica da economia política* quando Marx disserta: “Na consideração de tais transformações é necessário distinguir sempre entre a transformação material das condições econômicas de produção, que pode ser objeto de rigorosa verificação da ciência natural, e as formas jurídicas, políticas, religiosas, artísticas ou filosóficas, em resumo, as formas ideológicas pelas quais os homens tomam consciência desse conflito e o conduzem até o fim”. (1996, p.52)

<sup>11</sup> “O que o idealismo impossibilita compreender é, antes de tudo, a *prática política* e, igualmente, a *prática de produção dos conhecimentos* (assim como, por outro lado, a *prática pedagógica*), ou seja, precisamente, as diferentes formas sob as quais a ‘necessidade cega’ (Engels) se torna necessidade pensada e modelada como necessidade.” (Pêcheux, 1997, p.131).

<sup>12</sup> Sabemos que o conceito de *condições de produção* inevitavelmente tem problemas da AD. Courtine (1981) já alertou em seu trabalho *Análise do discurso político*, publicado na revista *Langages* 62, ao retratar as origens desse conceito dizendo que ele deriva em parte da Análise de Conteúdo (na prática da psicologia social), da sociolingüística (através dos estudos das

Desse modo, ao não levar a sério as lutas de classes, conseqüentemente a AD está perdendo de vista que as contradições do discurso são também contradições sociais uma vez que não consegue observar os conflitos entre capital e trabalho, e, conseqüentemente, não chega as raízes das mazelas da sociedade capitalista.

A crítica que trago é, na verdade, uma tentativa de expor que parece haver uma inversão nas práticas de análise, se os efeitos das lutas de classes se dão sobre as práticas lingüísticas (entendida aqui como discurso), porque então desprezar (esquecer ou silenciar) as lutas de classes como raízes da própria constituição do discurso?

Quando isso é feito, os denominados avanços teóricos da AD, tornam-se tautologias teóricas, fórmulas lógicas, pois algumas vezes parecem se restringir à produção do conhecimento pelo conhecimento onde as decisões sobre o discurso e sobre os sujeitos são dadas no plano teórico, ganhando aquele que melhor argumentar. Se Pêcheux (1997, p. 89) afirmou que a intervenção da filosofia materialista na lingüística não tem o intuito de fornecer resultados, pois “essa intervenção consiste, sobretudo, em *abrir campos de questões*, em dar trabalho à Lingüística em seu próprio domínio e sobre seus próprios ‘objetos’, por meio da sua relação com objetos de um outro domínio científico: a ciência das formações sociais”, por que então deixar de lado as lutas e conflitos de classes e deixar de dar trabalho à ciência Lingüística?

Essas interrogações são bastante perturbadoras em nosso campo de pesquisa, principalmente porque elas apontam para a necessidade de lembrar constantemente que o *discurso* não é algo abstrato que pode ser explicado por si mesmo, pois ele é processo dinâmico e contraditório engendrado na processualidade histórica. Essas interrogações apontam, sobretudo, para a necessidade de lembrar que o *sujeito* não é uma abstração teórica, ele é sujeito histórico e nos frios espaços da pesquisa científica resiste e se mostra “ardente”<sup>13</sup>. Do mesmo modo, faz lembrar também que a *ideologia* não é apenas responsável pelas evidências de sentidos e de sujeitos (como uma estrutura e funcionamento invariante e atemporal). Restringi-la apenas às evidências, é desprezar que ela cumpre uma função nas relações de classes, pois não só evidencia sentidos e sujeitos como orienta ações, ações impulsionadas pelas práticas sócio-históricas de sujeitos ativos

---

situações de comunicação) e, também deriva de modo indireto, do trabalho de Harris *Discourse Analysis*. Segundo Courtine, esses trabalhos focam a relação entre situação e indivíduo-enunciador. Por outro lado, Pêcheux problematiza o conceito fazendo intervir as *formações imaginárias* para distinguir o lugar empírico do sujeito e sua posição no discurso. Orlandi (1999) trabalha esse conceito considerando *condições de produção ampla* (a relações sócio-históricas) e *condições de produção restrita* que se refere ao lugar, momento atual, o imediato no qual o dizer se realizou. Amaral (2005) contempla as condições de produção do discurso fazendo referência às determinações sociais, políticas e econômicas. Opto também por trabalhar sempre com as condições de produção no sentido amplo, levando em consideração as relações dos homens em seu fazer histórico, pois se o discurso analisado é produto da sociedade capitalista, as lutas ente capital e trabalho não podem ser negligenciadas.

<sup>13</sup> Retomo a frase de Pêcheux (1998 p.30) “os frios espaços da semântica exalam um sujeito ardente”. E Também não poderia deixar de rememorar o texto de Zoppi-Fontana no I Sead em 2003 no qual finalizou sua apresentação “lembrando dos milhares de sujeitos ardidos pelo sol, pela sede, pela fome, pela guerra, pela indiferença; e lembrando, também, dos outros tantos que ensaiam formas várias de resistir na rua, no campo, na selva, e fazem arder as máquinas de classificar que se esforçam sempre renovadas em prendê-los, enquadrá-los, esmagá-los nas identidades previsíveis do discurso administrativo, do direito, do consenso, do jogo democrático, das liberdades individuais, do livre mercado, da guerra preventiva, da produtividade acadêmica.”. E continuou a autora: “E é lembrando de e querendo compreender esses sujeitos teimosos, ensimesmados e ardentes, que resistem coletivamente ao rolo compressor das identificações individualistas e universalizantes que fazem do sujeito mero suporte biológico de deveres e direitos, que defendo e desejo, nos frios espaços do academicismo universitário, alguns poucos sujeitos ardentes, que levando aos extremos as questões imperdoáveis, nos sacudam, como Michel Pêcheux, com seus textos malditos.”

*teimosos, ensimesmados e ardentes.*

Naturalmente como em todo trânsito em uma avenida movimentada temos que ter paciência e cautela. Principalmente quando nos deparamos na avenida do conhecimento com obstáculos que impossibilitam a caminhada.

Esses obstáculos são as resistências, muitas vezes não sentidas como tais, de um idealismo travestido de materialismo<sup>14</sup> que a ciência da linguagem está propensa, especialmente quando acredita que o objeto é inalcançável, não podendo ser conhecido em sua essência. Isso não deixa de refletir nos estudos sobre o discurso, pois muitas vezes o discurso é compreendido como algo de caráter transcendente que perpassa e afeta o sujeito, um poder superior onde o sujeito não tem poder nem controle sobre ele<sup>15</sup>.

É importante destacar que as resistências teóricas veladas (especialmente resistência ao marxismo) não deixam de ser também resistências da ideologia burguesa, que precisa lutar constantemente para se manter enquanto ideologia dominante. Segundo Pêcheux (1997, p. 190):

“A história da produção dos conhecimentos não está *acima* ou *separada* da história da luta de classes, como o ‘bom lado’ da história se oporia ao ‘mau lado’; essa história está inscrita, com sua especificidade, na história da luta de classes. Isso implica que a produção histórica de um conhecimento científico dado não poderia ser pensada como uma ‘inovação nas mentalidades’, uma ‘criação da imaginação humana’, um ‘desarranjo dos hábitos do pensamento’, etc. (cf. T. S. Kuhn), mas como o efeito (e a parte) de um processo histórico determinado, em última instância, pela própria produção econômica.”

Por tudo isso, e muitas outras questões que me escapam no momento, estamos longe de dar uma virada efetiva na produção do conhecimento sobre o discurso. Para assinalar essa afirmação basta compreender, por exemplo, que apesar das críticas desenvolvidas pelos teóricos da AD serem profundas e, também, de a capacidade intelectual de nossos estudiosos ser bastante aguçada, ainda não sabemos efetivamente o que é o *discurso*. Inclusive Orlandi (2004) que sempre contribuiu e vem contribuindo nos estudos do discurso se depara com esse fato dizendo: “Sei hoje mais sobre língua do que sabia quando trabalhava na lingüística *strictu sensu*. Quanto ao discurso, falta muito para eu saber o que realmente é”.

É verdade, não sabemos o que é o discurso, isso é bem problemático para uma *disciplina* que pretende ter um objeto próprio. Se for certo que a AD tem seu objeto próprio (discurso), é preciso não perder de vista sua raiz, que pelas citações de Pêcheux parecem ser as relações sócio-históricas (no caso, as lutas de classes de uma sociedade determinada).

Ao meu ver, querer ter um objeto próprio, se buscado através de uma cega visão positivista de ciência, ainda que dialogando com outras ciências, é perder de vista a essência do real, é mutilar partes de um todo; não é necessário lembrar aqui como a Lingüística e a Sociologia caíram nessa ilusão. O próprio Pêcheux não quis fundar uma disciplina entre a Lingüística e o Marxismo, na verdade, se propunha a criticar a

<sup>14</sup> Talvez tenhamos esquecido de praticar a AD sobre nossos próprios trabalhos e de lembrar que “o sistema da *língua* é, de fato, o mesmo para o materialista e para o idealista, para o revolucionário e para o reacionário, para aquele que dispõe de um conhecimento dado e para aquele que não dispõe desse conhecimento. Entretanto, não se pode concluir, a partir disso, que esses diversos personagens tenham o mesmo *discurso*”. (Pêcheux, 1998, p. 91).

<sup>15</sup> Isto faz lembrar o conceito de língua para Saussure como fato social, algo exterior e superior aos indivíduos.



produção dos conhecimentos e a prática política no ponto nodal da lingüística, precisamente no que concerne à produção de sentidos.

Em parte vemos a AD teorizando sobre o sujeito, mas correndo o risco de, ao dessecá-lo, também abstraí-lo da realidade. De outro lado, vemos ela partindo do discurso, mas deixando algumas vezes parecer que esse se move por si mesmo ganhando vida própria a ponto de constituir e dominar os sujeitos.

Falar de sujeito é preciso fazer referência a seu lugar no mundo, às suas práticas históricas considerando os “milhares de sujeitos ardidos pelo sol, pela sede, pela fome, pela guerra, pela indiferença”. Falar de discurso é preciso tomá-lo pelas suas raízes, ou seja, os homens na produção/reprodução/trans transformação das relações sociais onde “ensaíam formas várias de resistir na rua, no campo, na selva”<sup>16</sup>. Isto significa que o discurso não tem sua gênese espontânea, nem os indivíduos são constituídos em sujeitos por pura interpelação ideológica.

É preciso que as críticas aos conceitos teóricos da AD tenham como parâmetro a história, isso requer que seja levada a sério a categoria de condições de produção no seu sentido mais amplo que compreende as relações sócio-históricas (produzidas/reproduzidas/trans transformadas pela própria atividade humana) e não se restringir à teoria pela teoria<sup>17</sup>.

Sabemos que, conforme Althusser, nas práticas científicas não se trabalha com o objeto real, e sim com o objeto do conhecimento (objeto construído pela ciência); postura essa bastante complicada, uma vez que aceitar isso é perder a totalidade do real. Temos isso ainda muito vivo na Lingüística com o corte saussuriano entre língua/fala, onde algo de fundamental se perdeu para que a Lingüística conquistasse o estatuto de ciência moderna e tivesse seu próprio objeto. Se a AD toma essa postura como exemplo verdadeiro de como fazer ciência, estamos correndo o risco de mutilar também o discurso e, com isso, perder de vista sua essência. Questionar isso é apostar na possibilidade de afastar especulações apoiadas em teorizações que não consideram o movimento dialético do real.

Um dos caminhos seguros possivelmente é retomar o materialismo com mais clareza, não qualquer materialismo (porque se buscarmos cegamente apenas a matéria cairemos no empirismo puro), é preciso buscar o materialismo de Marx capaz de criticar tanto o materialismo vulgar, que não leva em consideração a subjetividade, como o idealismo que esquece a matéria<sup>18</sup>.

Não é necessário apontar hoje quem o utiliza ou não em suas práticas de análises.

---

<sup>16</sup> As duas citações em aspas foram retiradas do trabalho de Zoppi-Fontana (2003).

<sup>17</sup> Podemos tomar como constatação do silenciamento das raízes históricas do discurso, avaliando a lista das propostas dos simpósios no II Sead que não consta um simpósio específico sobre *Condições de Produção*. Temos *formação discursiva, sujeito, sentido, discurso (texto), interdiscurso, ideologia, língua, memória, interpretação*. Possivelmente o conceito de condições de produção está imbricado em todas essas categorias, no entanto, ele parece ser trazido de modo secundário, quando, na verdade, ele é parte essencial não só para a construção do *corpus* de análise, como e, principalmente, para a própria compreensão do funcionamento do discurso. Recordo aqui uma importante afirmação de Orlandi de haver na AD “a necessidade de se considerar que a língua significa porque a história intervém, o que resulta em pensar que o sentido é uma relação determinada do sujeito com a história.” (Orlandi, 1996: 46), sendo assim, a relação com a história na AD é essencial

<sup>18</sup> O leitor interessado poderá recorrer a leitura das *Teses sobre Feuerbach*. Trata-se de apontamentos de Marx sintetizados em onze notas que fundamentam o caráter materialista de seus trabalhos, nele o autor critica o materialismo vulgar e o idealismo, pois os dois caem em erros por não reconhecerem a atividade humana enquanto *práxis*.

Na verdade, basta apenas nos perguntar se as análises que temos lido nos últimos dias citam alguma obra de Marx como, por exemplo, *Manifesto do Partido Comunista*, *Para a crítica da economia política*, *Manuscritos Econômicos Filosóficos*, *Ideologia Alemã* ou mesmo *O Capital*. Ao contrário, não é de se estranhar que a referência a Marx na AD é sempre feita a partir de Althusser. É de Althusser que se retira o conceito de ideologia. É também tomando como referência o marxismo Althusseriano que se critica Marx na AD, uma vez que se aceita sem crítica a caricatura do marxismo (o Stalinismo e sua proposta dogmática e mecanicista do qual Althusser se contrapunha buscando por isso um Marx cientista) como o genuíno *Marxismo*, esquecendo que a crítica Pêcheux já fazia em seus trabalhos<sup>19</sup>.

O que tem ocorrido é que o marxismo na AD aparece de modo esparso. Interessante que nesse caminho, parece que estamos repetindo as escolhas dos estudiosos franceses. Courtine (1999, p. 07) atento a essa questão, pergunta como a lingüística francesa saiu do marxismo e, em seguida, responde:

*“Em silêncio: poucas análises por parte daqueles que disso foram as testemunhas, não mais do que anamneses individuais ou coletivas por parte daqueles que disso foram os atores. Deslocamentos furtivos, páginas discretamente viradas, um certo incômodo, às vezes...”*

Se para Courtine (1999) a AD francesa deixou o marxismo sair em *silêncio*, penso que no Brasil a AD nunca caminhou efetivamente de mãos dadas com o marxismo. As referências a Marx não passam de pequenos lampejos, são citações rarefeitas, pois poucos estudiosos fazem atuar em seus trabalhos os conceitos marxianos. Algo bastante contraditório, tendo em vista que o Brasil é um país da América Latina que sofre, na ordem do dia, a exploração da lógica do capital que claramente produz muitas riquezas concentradas em poucas mãos e muita miséria, fome e mortes para a grande parcela da população; sendo assim, a Análise do Discurso aqui praticada, não poderia deixar que se perdesse de vista os antagonismos de classes presentes e atuantes nos discursos. Se a perspectiva materialista comumente citada por diversos analistas vem da teoria marxista (*ponto de partida indispensável*<sup>20</sup>), ela tem passado longe da teoria, e, por conseqüência, tem escorregado nas análises.

É preciso questionar esse *acontecimento*. A questão central é que o objeto da AD não se basta por si mesmo, o critério de verdade deve ser o objeto (a concretude histórica), isso é a postura materialista da qual Pêcheux certamente concordava, pois esse estudioso, ao se posicionar no materialismo reafirmou a tese materialista de que “o real existe, necessariamente, independente do pensamento e fora dele, mas o pensamento depende, necessariamente do real, isto é, não existe fora do real” (Pêcheux, 1997, p. 255).

Parto do pressuposto de que ainda não conhecemos o discurso efetivamente, temos que descobrir sua processualidade, seu movimento dialético, mas para isso é preciso considerar que ele reflete e atua sobre o mundo (não existe fora das formas de

<sup>19</sup> Não há dúvida que Pêcheux criticou o “marxismo”, mas é necessário precisar que o alvo era o stalinismo e as práticas do Partido Comunista. Além disso, também não tomou Althusser sem crítica, ressignificou a expressão *reprodução das relações de produção* acrescentando *reprodução/transformação das relações de produção*, sobre isso cf. Maldidier (2003). Marx não foi negligenciado por Pêcheux, muito menos suas críticas direcionadas ao marxismo enquanto “ciência régia” e a prática do movimento operário podem ser tomadas como censura ao diálogo com as obras de Marx.

<sup>20</sup> Ver Maldidier et al (1997) no artigo *Discurso e ideologia: bases para uma pesquisa*, especialmente o item em que a autora foca sua discussão sobre os conceitos do marxismo nomeando o item como “Pontos de partida indispensáveis: os conceitos fundamentais do marxismo”.

sociabilidade humana), mas não é a gênese do mundo, pois se acreditássemos nisso retroagiríamos ao idealismo, reafirmaríamos o pressuposto de que a consciência é a responsável pela determinação do ser. Segundo Marx:

“São os homens que produzem suas representações, suas idéias etc., mas os homens reais, atuantes, tais como são condicionados por um determinado desenvolvimento de suas forças produtivas e das relações que a elas correspondem, inclusive as mais amplas formas que estas podem tomar.” (1998:19).

De acordo com essa afirmação, em uma perceptiva materialista, é o ser que determina a consciência. Retomando Marx (1996:52) “Não é a consciência dos homens que determina o seu ser, mas, ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência”. Nesse sentido, o discurso (produção objetiva da subjetividade, vale dizer uma subjetividade constituída pelo conjunto das relações sociais) não se basta a si mesmo. Se o discurso é realmente produção e movimento de sentidos, ou como se convencionou “efeitos de sentidos entre interlocutores”, seus efeitos são parte do movimento contraditório das relações sociais, incluindo aí as lutas e interesses de classes, ou seja, o discurso é parte da concretude histórica do fazer dos homens em sociedade.

Eis mais algumas questões para “finalizar” a presente reflexão. Se pensarmos posicionados em uma perspectiva idealista, o objeto não pode ser conhecido, mas se partimos do materialismo, o discurso pode ser efetivamente conhecido; e se concordamos com isso, por que então seguir outros caminhos? Será que as direções seguidas (determinadas opções teóricas que desprezam as lutas de classes) não são falsos caminhos que nos levam a labirintos e despenhadeiros conduzidos pela ilusão do cientificismo? Será que tais caminhos ao mesmo tempo em que mostram luzes no fim do túnel, também obscurecem a possibilidade de tocar na essência do discurso? Se for de um materialismo histórico e dialético que a AD necessita, por que se restringir na perspectiva materialista estruturalista francesa e não retomar Marx para uma crítica ontológica do discurso<sup>21</sup>?

Considero que a verdade do objeto para o materialismo é demonstrada na *práxis*, sendo assim, o critério de verdade não é a teoria pela teoria, mas a concretude do mundo. Estou aqui levando em consideração com Magalhães (2003, p. 75) que:

“O discurso não é uma construção independente das relações sociais, mas, ao contrário, o fazer discursivo é uma *práxis* humana que só pode ser compreendida a partir do entendimento das contradições sociais que possibilitaram sua objetivação.”

Como foi dito no início, a AD sempre criticou e se auto-criticou, contudo é preciso constatar que muitas vezes quando pensamos estar fazendo crítica, na verdade, estamos sendo acrílicos. Marx em *Ideologia Alemã* dizia que os neo-hegelianos se julgavam lobos, mas não passavam de cordeiros, pois reproduziam de modo filosófico os anseios da burguesia. Hoje, será que apesar das constantes críticas realizadas na AD, na maioria das vezes, vazias das lutas de classes, não estamos também reafirmando teoricamente

<sup>21</sup> Magalhães (2003, p. 74) destaca isso ao dizer: “Trabalhar com a perspectiva do materialismo dialético em lingüística tem sido efetivamente uma dificuldade, devido ao pressuposto estruturalista que hegemonicamente domina esta área do saber. A análise do discurso de orientação francesa, que tem Pêcheux como um dos teóricos fundadores, tem tentado, a partir de Althusser, estabelecer uma relação efetiva com o marxismo. No entanto, ao estabelecer um diálogo através da corrente teórico-metodológica althusseriana, mantém o vínculo com o estruturalismo que domina toda a estruturação marxista desse autor.”

que somos incapazes de fazer história, e, com isso, estamos reproduzindo na teoria os anseios da sociedade capitalista que se (im)põe *naturalmente* como *eterna*? E se tomamos a ideologia apenas como *estrutura e funcionamento* responsável pela produção de evidências de sujeitos e de sentidos não será que estamos declarando o *fim da ideologia*, perdendo de vista que ela tem sua gênese nas práticas dos sujeitos de classes?

Esse percurso que fiz, sem dúvida também um *gesto de interpretação*, um *gesto* alternativo e possivelmente viável, faz concluir que os avanços da AD (volto a ressaltar que estou me restringindo aos “avanços” em que se desprezam as lutas de classes), são no fundo recuos. As questões colocadas são complexas, e certamente suscitará objeções, especialmente porque o real é complexo, por isso é preciso dizer que para escapar de uma “sistematização lógica” das categorias da AD é necessário insistir em pensar o discurso radicalmente com suas condições de produção, sobretudo porque “todo processo discursivo se inscreve numa relação ideológica de classes” (Pêcheux, 1997, p. 92).

Estamos todos teorizando sobre os discursos e esquecendo suas condições sócio-históricas de produção — no caso, a sociedade capitalista e seus conflitos entre capital e trabalho — sociedade de onde retiramos, em sua maioria, os discursos sobre os quais nos debruçamos.

Podemos constatar que quase a totalidade dos trabalhos em AD tem como objeto os discursos que circulam e atuam na sociedade capitalista. Contudo, poucos são os trabalhos que tocam na questão dos conflitos de classes. Em sua maioria, os conflitos são explicados pelo próprio discurso. No momento em que se faz a articulação do dizer com a formação discursiva, os analistas chegam a reconhecer esta última como heterogênea e contraditória, porém não chegam a levar a fundo o início da definição de formação discursiva dada por Pêcheux que compreende “Aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição numa conjuntura dada, **determinada pelo estado de lutas de classes**, determina *o que pode e deve ser dito...*” (Pêcheux, 1997, p 160). Assim, o conceito de luta de classes se volatiliza nas análises, uma vez que os conflitos são explicados como resultados da *falha da língua*, ou pela força do inconsciente que faz algo escapar pelo *ato falho, lapso*.

Seguramente o objeto clássico da AD deixou de ser o discurso político. Houve ampliações nos estudos das materialidades discursivas, mas vale lembrar que isso não significa que as raízes da sociedade capitalista também tenham se modificado. Ao contrário, as metamorfoses do capital (fordismo, taylorismo, toyotismo, acumulação flexível, novos padrões de produtividade) que vêm afetando fortemente a classe trabalhadora (trabalho informal, desemprego estrutural, enfraquecimento das lutas sindicais), revelam a persistência, em sua essência, da exploração dos homens pelos homens.

Temos problemas na AD, não só na que foi e, possivelmente, é ainda praticada na França como vimos com Courtine, mas também, na que é praticada aqui no Brasil. Há questões de fundo, e elas são de ordem histórica e atuam em nossas escolhas e práticas analíticas.

Para fundamentar isso, recorro ao texto de Pêcheux *Sobre a (des) construção das teorias lingüísticas* onde ele articula as posições teórica da lingüística com os processos históricos para afirmar que as diásporas e reunificações não são resultados de confrontos de idéias, mas, sobretudo, resultados de confrontos históricos.

Dessa maneira, parafraseando essa bela análise de Pêcheux, como efeito de retorno para avaliar a AD praticada no Brasil, é preciso pensar sobre o que estamos realmente fazendo, para assim compreender quais os interesses históricos que estão sustentando nossa prática teórica e analítica, fazendo deixar de lado o conceito de *classes sociais* para tratar de identidades, comunidades, grupos, e substituir sociedade capitalista por sociedade pós-moderna.

O que tem havido é que algumas abordagens acabam sendo mais encantadoras que outras, atraindo assim cada vez mais adeptos. Apesar de perceber que a AD é afetada pelo movimento contraditório das relações sócio-históricas, acredito que os interesses históricos em jogo ainda que estejam postos (numa conjuntura ampla, de um lado, derrotas da classe trabalhadora, fins das ideologias, fim da história, de outro, crise e metamorfose do capital) não estão claros para nós analistas, pois eles não se mostram em sua nudez, especialmente, não mostram claramente o modo como têm atingindo o intelectual. Parece, então, ser necessário suspeitar da própria AD, aplicar a Análise do Discurso sobre si mesma, fazer visível aos nossos olhos o (in)visível da nossa prática científica, algo como “**tomar partido pelo fogo**” (Pêcheux).

Marx e Engels no prefácio à edição alemã do *Manifesto do partido comunista* afirma que “a produção econômica e a estrutura social que necessariamente decorre dela constituem em cada época histórica a base da história política e intelectual dessa época.” (2001,p.29). Certamente Pêcheux tinha compreendido que se o discurso é instrumento da prática política e, como este autor estava tratando da sociedade capitalista, percebeu também (ou ao menos sinalizou) que a raiz dos discursos estava nas lutas de classes. A prática das ciências humanas localizadas em *universos discursivos não-estabilizados logicamente* (Pêcheux, 1999), não está livre dos interesses de classes.

O problema é que esquecemos — pelo efeito da ideologia da classe que detém o poder material —, que o discurso é posto pelos sujeitos e que esses sujeitos são de classes, inseridos em lutas de classes, lutas essas que constituem o fazer histórico dos homens. A práxis é o chão onde o discurso emerge e atua, pois ele é atividade humana real e efetiva e, por isso também, uma dimensão fundamental do ser social. No enfrentamento das questões, seguir discursos é trilhar caminhos turbulentos e repletos de conflitos, o que se percebe é que optar por rastreá-lo exige um pouco de cautela e muito fôlego para um trabalho crítico, uma vez que os caminhos são muitos e os despenhadeiros também.

## BIBLIOGRAFIA

- AMARAL, Maria Virginia B. *Discurso e relações de trabalho*. Maceió-AL: Edufal, 2005.
- ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos Ideológicos de estado*. Rio de Janeiro: Graal. 1985.
- COURTINE, Jean-Jacques. *Analyse du discours politique: le discours communiste adressé aux chrétiens*. In Langagens 62, Paris: Larousse, 1981.
- COURTINE, Jean-Jacques. *O discurso inatingível: marxismo e linguística (1965-1985)*.

- Cadernos de tradução, UFRGS, Porto Alegre.nº 6, abr-jun, 1999.
- HENRY, Paul. Os fundamentos teóricos da ‘Análise Automática do Discurso’ de Michel Pêcheux (1969). In: GADET, F. & HAK, T. (orgs.) . *Por uma análise automática do discurso. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.
- MAGALHAES, Belmira. *O sujeito do discurso: um diálogo possível e necessário*. Revista Linguagem em (Dis)curso. Do Programa de Pós-graduação em ciências da Linguagem Unisul. Vol 3 Especial. Santa Catarina; Editora Unisul, 2003.
- MALDIDIER, D. *A inquietação do discurso: (Re) ler Michel Pêcheux Hoje*. Campinas: Pontes, 2003.
- MALDIDIER, D. et al. Discurso e Ideologia: Bases para uma pesquisa In. ORLANDI, Eni et al (org). *Gestos de Leitura: 2º ed*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997a.
- MALDIDIER, Denise. Elementos para uma História da Análise do Discurso na França. In ORLANDI, Eni et al (org). *Gestos de Leitura: 2º ed*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997b.
- MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *A ideologia Alemã*. Trad. Luis Cláudio de Castro e Costa, São Paulo: Martins Fontes. 1998.
- MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. Trad. Pietro Nasseti. Coleção a obra-prima de cada autor. São Paulo, SP: Ed. Martin Claret. São Paulo. 2001.
- MARX, Karl. *Para a crítica da economia política*. Coleção Os Pensadores. São Paulo,SP: Nova Cultural, 1996.
- ORLANDI, Eni *A Análise de Discurso em suas diferentes tradições intelectuais: o Brasil*. Anais do I SEAD (Seminário de Estudos em Análise de Discurso). Porto Alegre, UFRGS, nov/2003. CD-R 2004.
- ORLANDI, Eni P. Uma amizade Firme, uma relação de solidariedade e uma afinidade teórica. In ORLANDI, Eni P. *Gestos de leitura: da história no discurso*. 2º ed. Campinas, SP. Editora da Unicamp, 1997.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Interpretação: Autoria leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- PÊCHEUX, Michel. *O Discurso: Estrutura ou Acontecimento*. Campinas, SP: Pontes, 2002.
- PÊCHEUX, Michel. *Semântica e Discurso*. Uma crítica à afirmação do obvio. 3ª Ed. Trad. Orlandi et al. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.
- PÊCHEUX, Michel. Sobre a (Des-) construção das teorias lingüísticas. In Revista *Línguas e Instrumentos Lingüísticos*. Julho/dezembro 1998. Campinas: Pontes, 1999.
- SILVA SOBRINHO, Helson F. da. *A negação da velhice: uma discursividade ancorada na memória*. In Revista Estudos Lingüísticos, vol. 34, 2005. (artigo disponível no site do [www.gel.org.br](http://www.gel.org.br)).
- ZOPPI-FONTANA, M. “Os frios espaços da semântica exalam um sujeito ardente”. Anais do I SEAD (Seminário de Estudos em Análise de Discurso). Porto Alegre, UFRGS, nov/2003. CD-R 2004.